



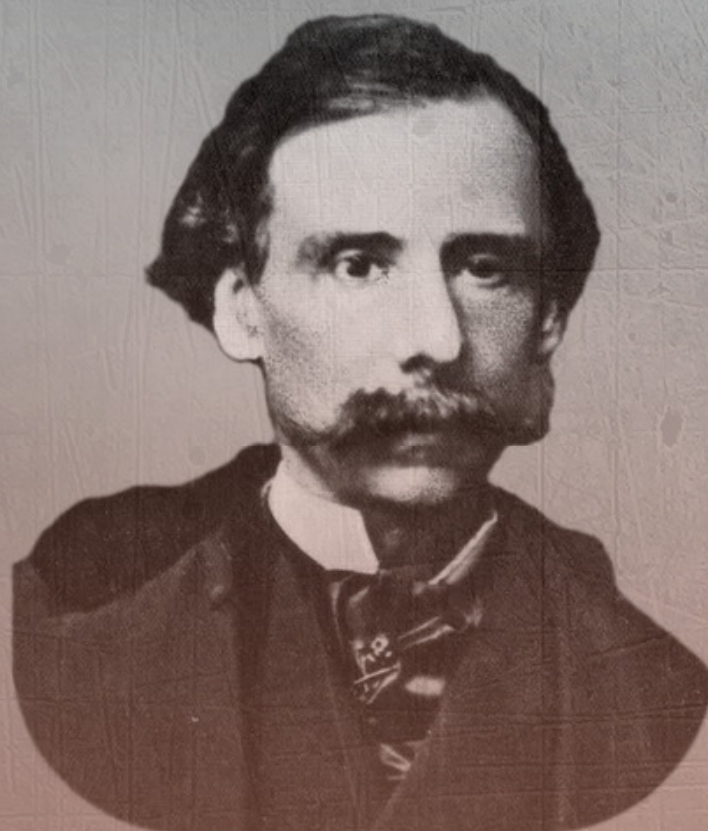
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco

O último ato



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O último ato

Camilo Castelo Branco

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1862.

Livro Digital nº 566 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825—1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O ÚLTIMO ATO

DRAMA NUM ATO



CENA I

Eduardo Severino e Luísa.

LUÍSA (*inclinada para o pai, que está com a face oculta entre as mãos, debruçado sobre uma mesa*)

Meu pai... então!

EDUARDO (*erguendo a face*)

Que é, filha?

LUÍSA

Não posso vê-lo assim... Olhe para mim.

EDUARDO

Aqui tens... sorrir-te é que eu não posso.

LUÍSA

Pois não sorria; mas, ao menos, veja-me com olhos enxutos.

EDUARDO

E os teus? Por mais embaciados que estejam de lágrimas, lá vejo neles refletida a imagem da tua irmã. Não chores Luísa. Deixa-me apagar a mim com lágrimas este resto de luz.

LUÍSA

Mas a Aninhas está hoje melhor, meu pai...

EDUARDO

Foi ela que o mandou dizer?

LUÍSA

Foi, e não tarda aí. Dormiu duas horas ontem à tarde sem tossir.

EDUARDO

É a morte, que a deixa adormecer no seu regaço. (*Ergue-se*) Que te disse ela ontem? Conta-me tudo, filha... Não enganes o teu pai... Por que ficou ela sozinha contigo? Por que saíste a chorar do quarto? (*Luísa chora*) Aí está o que é atormentar-me.

LUÍSA

Eu lho direi quando...

EDUARDO

Quando ela tiver expirado?

LUÍSA

Não me obriguei a isso; mas penso que é um religioso dever...

EDUARDO

Calar o segredo ao teu pai? Então é certo que Ana vai criminosa deste mundo!

LUÍSA (*com veemência*)

Vai santa, meu pai!... Eu digo tudo... pode dizer-se tudo... Falou-me de Jorge.

EDUARDO

Basta... sei o que te diria... Leva-o no coração à presença de Deus, não é assim?

LUÍSA

Deixa-o no mundo a orar por ela.

EDUARDO (*recaído no letargo*)

Fui eu que os matei...

CENA II

Os mesmos e o criado.

CRIADO

O Sr. João Pinto.

EDUARDO

Vem só?

CRIADO

Sim, senhor.

EDUARDO

Que entre.

LUÍSA (*a meia voz*)

Estou tremendo.

EDUARDO

É admirável... às oito horas da manhã!

CENA III

Os mesmos e João Pinto.

PINTO

É madrugar de mais não acha, senhor Eduardo?

EDUARDO

Más notícias?

PINTO

Tem a bondade de retirar-se, mana Luísa? E conversação de homens.

(Luísa sai)

CENA IV

Eduardo e João Pinto.

PINTO

É a primeira denúncia, e o primeiro desabafo que trago a sua casa. O meu decoro foi ultrajado pela sua filha, senhor Eduardo.

EDUARDO (*após instantes de sereno silêncio*)

Estou escutando, senhor.

PINTO

Mas parece que me escuta com admirável estoicismo!

EDUARDO

Imagine que o não creio...

PINTO

Como?!

EDUARDO

Imagine que eu julgo sua mulher tão incapaz de ultrajá-lo, que nem sequer a surpresas suas palavras me inquieta.

PINTO

Pois queira escutar-me, e faça de conta que eu não ouvi as suas palavras pouco delicadas... Não me crê... (*Sorrindo*)

EDUARDO

Não o creio, senhor Pinto, sempre e todas as vezes que injuriar a bondade dessa padecente, que nos perdoa a ambos...

PINTO

Não desperdicemos o tempo, senhor Eduardo... A sua filha rasgou ontem o véu da vida misteriosa que vivia comigo à dois anos.

EDUARDO

Vida misteriosa! A minha filha, senhor, agoniza há dois anos, e morre talvez amanhã com o coração imaculado.

CENA V

Os mesmos e Ana Augusta.

ANA

Pode ser que seja hoje, meu pai; mas com o coração imaculado, não.

EDUARDO

Como vens incendiada, minha filha. Senta-te.

ANA

Sentar-me-ei no banco dos réus. O meu pai não pode ser advogado e juiz. Basta que me condene.

PINTO

Não me emudece a sua presença, Ana. Censuro-lhe, porém, o desembaraço de seguir os meus passos.

ANA

Vim a casa do meu pai. Não segui os seus passos, senhor Pinto; segui os sinais das lágrimas que derramei quando saí de cá. Vim porque o meu anjo bom quer subir ao céu, logo depois da minha morte, sem se deter na terra a defender-me a memória... Foi o meu anjo da guarda que me avisou. (*Sorrindo*) Aqui me tem, senhor Pinto, acuse-me.

PINTO

Quem a obrigou a ser minha mulher?

EDUARDO

Fui eu.

PINTO

Fez mal.

ANA

Não me obrigaram a casar com o senhor Pinto. O meu pai propôs, e eu aceitei... propôs, porque não quis mandar.

PINTO

Não devia aceitar.

EDUARDO

Essa censura é atroz. O senhor sabe que me propôs a compra, e eu vendi minha filha. Quem obrigou a minha filha a casar fui eu; quem aceitou esta mulher obrigada, foi o senhor.

ANA

Voluntaria ou obrigada, faltei aos meus deveres? Responda, senhor Pinto.

PINTO

Faltou.

ANA

Ó meu Deus! Desminta-se, senhor, que me mata já.

PINTO

Faltou guardando sempre no coração as recordações de um outro amor...

ANA

Respiro, Mãe Santíssima!... É verdade... guardei essas recordações.

PINTO

Aliás criminosas.

ANA

Se o foram, estão expiadas. Devoraram o coração que as encerrara... mataram-me. A Providência vingou-o, senhor. Que mais quer agora? Um pelourinho para a minha memória? Pois sim... Quero ser

envilecida, infamada, coberta de opróbrio; mas o pregão da ignomínia há de soltá-lo a sua consciência, meu marido.

PINTO

Não vou tão longe.

ANA

Vá, vá: no céu há justiça... e eu pedirei que haja também misericórdia para quem da minha sepultura fizer refletir a desonra na face do meu pai e da minha irmã.

PINTO

Não vou tão longe, já disse. A senhora escondeu até hoje o seu segredo; escondeu-o como se esconde um crime.

ANA

Diga, diga.

PINTO

Eu devia entendê-la no decurso de dois anos. A frieza do seu caráter, a quase indiferença em que tinha as minhas ações. O desapego que mostrava para tudo que lisonjeava o meu gênio, o desinteresse com que aceitava ou rejeitava os recreios que eu lhe oferecia...

ANA

É o meu crime, pois. O meu crime é chorar no que é alegria para os outros. O meu crime é fugir da sociedade cujo contentamento escandalizava a minha aflição. O meu crime é não poder participar dos prazeres que lisonjeavam o gênio do meu marido. O meu crime é passar as noites e os dias cortados de dores, familiarizando-me com o vulto da morte, enquanto o meu marido ia esporear dos dissabores de uma mulher enferma, nos teatros, e nas salas. O meu crime é ter no seio a morte que me não deixava saborear a vida. O meu crime é ser infeliz... Isto é duro!...

EDUARDO

Mártir. (*Aconchegando-a ao seio*) O senhor ainda não acusou esta desgraçada! Aí... há um coração mau. O senhor Pinto está a granjear remorsos que o hão de atormentar.

PINTO

Eu não falei ainda, senhor Eduardo.

ANA

Vai acusar-me agora. Ó meu pai, chame minha irmã, sim?

EDUARDO

Que queres, filha?

ANA

Quero que essa inocente aprenda a corar comigo. A minha vergonha há de chegar a todos os meus. Chame-a... suplico-lho.

(*Eduardo tange a campainha*)

PINTO (*a meia voz*)

Creio que não posso...

CENA VI

Os mesmos, um criado e depois Luísa.

EDUARDO (*ao criado*)

A senhora D. Luísa que venha cá.

ANA

Deus é a suma bondade. Nunca me senti com tantas forças. Se esta vida não é um empréstimo, meu pai, devo de estar na convalescença.

LUÍSA (*beijando a irmã*)

Como te sentes, Aninhas?

ANA

Estava agora a dizer que fizera crise a doença; se não houver alguma recaída (*sorrindo, e abraçando-a*) tens irmã para muitos anos. Senta-te ao pé de mim, Luisinha. Escuta o que vai dizer o teu cunhado. Diga lá.

PINTO

Acabe-se isto. Eu não sou o homem cruel, que o senhor Eduardo imagina. Respondo à sua calúnia com o silêncio.

EDUARDO

Rejeitamos a benevolência. Fale, Sr. Pinto.

PINTO

Já disse; não tenho acusações a fazer.

ANA

Sou eu quem se acusa. Quero castigar o meu marido... (*Sorrindo*) Já agora serei má esposa até ao fim... Afeiçoei-me de inocente amizade, quando era criança, e amei, já mulher, um homem e depois... adorei-o, e, afinal... matei-o...

EDUARDO

Jorge de Valadares não morreu, filha.

ANA

Morreu. A vida é a esperança. Viver é ansiar a felicidade possível e a impossível. A vida de Jorge era eu. Um dia pus-lhe o pé no coração, como num degrau para subir a uma opulência miserável... Apontei-lhe a sepultura... e... (*Repara em Finto, que sorri*)

PINTO

Suponho, porém, que o padecente tomou por outro caminho: pelo menos a agonia tem sido demorada.

ANA

Não insulte o infortúnio, meu marido. Admire-lhe a probidade, se não pode compadecer-se. Não há mulher forte quando paixão e remorsos a quebrantam... Jorge poderia ter querido perdoar o meu crime, impondo-me a condição de uma culpa... Não o fez.

PINTO

E se o fizesse...

ANA

Se o fizesse... não era o anjo, o santo que é... Seria apenas um homem, prouvera ao Senhor que sim. Eu agradeceria ao Deus das misericórdias ter-me desoprimido o coração de terríveis responsabilidades. Eu antes queria que ele me julgasse indigna de saudade duradoura. Antes... Se me julgasse mulher vulgar, pode ser que eu viesse a esquecê-lo como homem também vulgar. Não tenho podido. Há dois anos que Jorge deixou esta casa, onde o meu pai continuaria a recebê-lo com indulgência e amizade, e...

EDUARDO

E com respeito, acrescenta, minha filha. A simulada paciência dele parece que me acusava sem contudo me ofender. Quando se proferia o teu nome, rasavam-se-lhe os olhos de lágrimas, dizia-mo Luísa, porque ele... nunca os levantou para mim, talvez para me não arguir. Eu respeitava a dor deste honrado rapaz, quase meu filho, e senti a perda de um amigo e de um exemplo, quando se despediu por alguns anos o pobre Jorge. Tenho, porém, a certeza de que vive.

ANA

Também eu, e é desta certeza que o meu marido me acusa. Eu recebi antes de ontem uma carta de Jorge Valadares. O meu marido, sabendo que eu recebera uma carta, exigiu-a imperiosamente. Não era necessário empregar o tom severo do senhor para escrava. Mostrar-lha-ia, ainda com o receio da profanação.

PINTO

Compreendo a lisonja...

ANA

Não o ofendo... Seria profanação. A única pessoa capaz de verter uma lágrima sobre a carta de Jorge, sou eu. Perdoa-me, minha irmã, tu choraste muitas... Eis aqui a carta, meu pai.

EDUARDO

Bem, filha, guarda-a.

ANA

Leia-a, porque há de julgar-me.

EDUARDO

Estás julgada.

ANA

Mas eu quero que Jorge seja absolvido comigo. Leia, que eu não posso. (*Eduardo lê mentalmente*) Alto, meu pai, peço-lhe.

EDUARDO (*lendo*)

Sei que morres, Ana. Irei ajoelhar ao pé da tua sepultura, anjo, que o mundo não conheceu. Erguerei à Providência dos infelizes estas mãos onde os teus lábios inocentes imprimiram o primeiro beijo do coração. Ver-te-ei sempre formosa como te vi, porque não posso verte agora cadavérica já com o resplendor da eternidade na face. Direi o teu nome, e tu ouvir-me-ás. O teu coração não pode ser devastado pelos vermes que devoram o cínico e o perverso. Nem eu nem tu sabemos os mistérios da morte; mas a suprema desgraça dá o sexto sentido que os adivinha. Quando assim me vires ajoelhado ao pé da tua campa, mandarás à minha alma um raio da tua glória. Das pessoas que te amaram, sou eu quem mais pobre fica na terra, pobre de tudo que é a riqueza das organizações fadadas para amarem o impossível. Verás, à luz do céu, como foste amada. Hei de ouvir a tua voz dizer-me "vem". Há de a tua mão descarnada pousar sobre o meu coração, e desfazê-lo na última lufada de sangue... (*Comovido, dando-lhe a carta*) Não continuo.

ANA

Eu digo o resto. (*Sem ler*) Eras tudo o que eu tinha. Eras o meu estímulo de alegria, inteligência, fé, amor único, e até da honra. Por ti chegara a ser bom, caridoso, cristão, grande aos meus próprios olhos. Quando o ódio entranhado aos homens se desafogava no sarcasmo, vinham os teus lábios beber do meu fel, dizendo-me: perdoa, e não desprezes; faz-te querido pela humildade e pela paciência. Quando o desalento expiatório das minhas culpas me quebrantava o ânimo, vinhas tu como a pomba da arca Santa, anunciar-me que as tempestades da vingança divina acalmariam uma vez. Desde que me trouxeste do céu a luz da esperança, anjo redentor, nunca mais a vi apagar-se nos teus olhos, agora cerrados para sempre. Quando viste que a minha alma estava amparada entre a caridade e a fé, morreste. Ao dar-te o último adeus, disse-te que ficaria no mundo oferecendo ao Senhor as minhas dores como resgate das impaciências com que repelisses o teu cálix. Disse-te que vestiria, aos olhos desta gente que escarnece os mártires do coração, a túnica, a mortalha do homem que espera de mãos erguidas o chamamento de Deus. Cumpri. O mundo injuria-me se souber que te choro. Dirá que infamo a tua memória. Rirá do hipócrita que arrasta o seu luto bem à vista de todos para celebrar a sua saudade. Tu sabes que o mundo mente. Sabes que venho à tua sepultura dizer que honrei na terra a tua memória; que aliei à minha morte o teu nome para que me perdoem as desonras do coração que tu purificaste. Quem poderá insultar-me sem remorso? Leva-me depressa para ti, anjo de Deus. Salva-me de mim mesmo, porque receio manchar as vestes do sacerdote com o sangue do suicida. Continua no céu a obra da minha redenção, pedindo ao Senhor que me alieire este paroxismo. Murmurarei estas palavras ao pé da tua campa. Depois, Ana, perdoadando ao mundo que nos detrair a memória, oferecer-lhe-ei um cadáver, e um nome glorificado por ti... Jorge.

EDUARDO

O Sr. João Pinto entendeu esta carta, creio eu. Não é possível que te condene por ela. Isto, é um nobre infeliz que diz a uma moribunda: “vê com que honrado coração te amei!”

ANA (*erguendo-se*)

Estou absolvida? Sou digna da sua estima, meu pai?

EDUARDO (*muito comovido*)

Assim eu fosse digno do teu perdão.

(*Ana beija-lhe a mão*)

ANA

O senhor Pinto tem dó de mim... Também me absolve, não é verdade?

(*Apertando-lhe a mão*)

PINTO (*beijando-a na cara*)

Não será ele só a chorar-te, minha amiga:

ANA

Seja Deus bem-dito!... Luísa, vamos ao meu antigo quarto, ao quarto onde nasci, e onde nossa mãe morreu. Há de ser-me lá mais suave a morte.

PINTO

Que quer isso dizer, Ana?! Deixas a tua casa?

ANA (*sorrindo*)

A minha casa são oito palmos de terra; mas as agonias, que a posse custa, hei de passá-las na casa do meu pai, que ofereço ao meu marido em nome dele. Vem, Luísa, dá-me o teu braço...

(*Saem*)

CENA VII

Eduardo Severino e João Pinto.

PINTO

Creia, senhor Eduardo, que tenho sido um marido exemplar. A sua filha não me ouviu, durante dois anos, uma só palavra ingrata ao seu melindro, nem contraria ao seu gênio. Não se ajustavam nossas índoles, mas eu amoldei-me quanto pude aos caprichos dela.

EDUARDO

Caprichos! Diga antes impaciências do seu muito sofrer.

PINTO

Se não renunciei totalmente aos meus hábitos de sociedade, foi porque me persuadi de que as minhas ações lhe não importavam. Esta indiferença magoava-me, e contudo resignei-me, e abafei o dissabor. Suspeitei sempre que tinha um rival, o mais deslumbrante de quantos há, uma imagem impalpável das que tornam aborrecida a realidade, e odiosas as pessoas que se nos sacrificam. Traguei em silêncio esta afronta ao meu amor próprio, e ao outro, não menos pungente, o do coração. Veio agora esse homem imprudente magoar a pobre mulher com umas demasias de sentimentalismo, que nem eu sei se vem da alma, se da fantasia. E então que eu dou largas aos primeiros queixumes, e ainda assim o arrependimento sufoca-me logo. Quem poderá dizer que fui um mau marido?

EDUARDO

Ninguém. O senhor Pinto não foi mau marido; fez uma má escolha de mulher. Há dois anos e meio, quando mostrei aos credores os meus livros, pelos quais provava que apenas ficava com o pão quotidiano das minhas filhas, deixado pela sua mãe, os credores disseram que eu era... um ladrão. Pus uma pistola ao ouvido, mas as duas filhas que eu tinha no coração, bradaram-me coragem e heroísmo, em nome da virtude. Apareceu-me o senhor João Pinto, que, lamentando a minha ignomínia, me ofereceu a mais nobre de todas as reabilitações.

Abriu-me a sua gaveta, e mandou-me tirar o preço da minha honra. Disse que não tinha caução alguma com que pudesse remir o empenho. Respondeu-me que era uma pessoa da minha família logo

que eu o recebesse no mesmo abraço com a minha filha Ana. Redargui que suspeitava um enlace de coração entre minha filha e um rapaz honesto e pobre que frequentava a minha casa. O senhor Pinto meditou por alguns momentos, e disse-me: “pergunte-lho a ela, mas descreva de antemão as suas circunstâncias.” Obedeci como obedecem todos os miseráveis. A minha filha já sabia quem fora o meu salvador; viu-me lágrimas quando lhe pedi que se imolasse à gratidão do seu pai: pôs a mão no seio, e disse: “Pois sim, serei a mulher do nosso benfeitor, do salvador da sua honra, mas reservo o coração para o entregar puro no céu à vítima que se sacrifica comigo... Dei esta resposta ao Senhor Pinto, e a vossa Senhoria replicou dizendo que a natural inconstância da mulher e do homem concertaria estes desmanchos de um amor de crianças. Instou, e obtive minha filha. Escolheu desgraçadamente. Levou uma moribunda que o afligiu até ao arrependimento. O dedo de Deus... Não foi mau marido, repito, senhor Pinto: foi um marido inconveniente.

CENA VIII

Os mesmos, Luísa, e o criado a uma das portas.

LUÍSA (*alvorçada*)

Meu pai, a Aninhas está muito mal... Perdeu os sentidos... Venha depressa... parece-me que morre...

EDUARDO

Que dizes, filha?

(Seguem Luísa)

CRIADO

Um padre procura Vossa Senhoria.

EDUARDO

Um padre! Que entro e que espere.

(Saem)

CENA IX

Jorge de Valadares, com trajes sacerdotais.

JORGE (*após alguns momentos de silêncio em que relança os olhos por tudo que o cerca, enxugando as lágrimas*)

Ânimo, ânimo meu Deus. (*Pausa*) Enganei-me! Preparei-me por espaço de dois anos, e a todas as horas para este momento. Pensei que deixaria o coração a pedaços na subida para este calvário. Enganei-me. Se a Providência não vem no meu socorro. Menti ao céu: ultrajei o altar onde me dei em holocausto; morrerei impenitente. Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste! (*Senta-se extenuado, por alguns segundos*) Estava ali, naquela cadeira, a última vez que a vi. “Ajuda-me a salvar meu pai... foram as últimas palavras que ela me disse.” Pois sim, salvemo-lo, mas pede a Deus que me salve a mim... E pediu. Sou um homem de quem Deus se há de compadecer. Estou esperando que ela vá deste mundo... Depois virá para mim a divina graça da morte.

CENA X

Jorge de Valadares, Eduardo Severino.

(*Jorge ergue-se ao ouvir-lhe os passos. Eduardo vacila na incerteza*)

JORGE (*estendendo-lhe a mão*)

É o filho do seu amigo Filipe de Valadares.

(*Eduardo abraça-o com transporte e larga-o para enxugar as lágrimas*)

EDUARDO

Eu sei a tua desgraçada vida, Jorge.

JORGE

A minha vida não é desgraçada, senhor Eduardo. O Evangelho só reconhece infelizes neste mundo para lhes assegurar o mundo consolador dos Mártires. Desgraçado é só o ímpio. Este luto, senhor Eduardo, são as galas do céu, quando esta capa se dá ao pobre para ele cobrir a sua nudez. O sacerdote, segundo Cristo, enxuga tantas lágrimas que nem tempo lhe resta para verter das suas. "Quem quiser entrar no meu reino, tome a sua cruz e siga-me" disse o divino Mestre. A via dolorosa é curta, e o penitente cobra ânimo quando vê tão perto o paradeiro da sepultura. Não sou desgraçado, senhor Eduardo... E a sua vida é atribuída?

EDUARDO

Tu sabes a minha vida, Jorge... Sei que a sabes... Tenho uma filha nas agonias da morte.

JORGE

Sei. E o anjo que dilacera o invólucro para voar para a sua pátria. Deixá-la ir para o regaço da mãe. Vejamo-la subir com rosto alegre. As lágrimas da saudade cristã são doces como as do Evangelista ao pé do cadáver de Maria. E Luísa?

EDUARDO

Luísa?... Está talvez bebendo a peçonha, que mata, nos lábios da irmã. Vivo para isto, Jorge. Sustenho em cada braço a pedra que as há de cobrir. Depois deste transe, padre, segundo o Cristo, vem apertar a mão ao pobre velho, e fica pedindo por todos nós, e por mim mais que por elas...

JORGE (*abstraido*)

Há de haver quinze anos que eu vi um anjo sentado ali àquele piano. Tocava... Era uma música que me cerrava o coração. O senhor Eduardo estava nesta cadeira e chorava. As suas duas filhas, uma de dois, outra de sete anos, tinha-as eu sentadas nos meus joelhos. A sua senhora acabou de tocar, ergueu-se com a veemência da dor, e tossiu uma lufada de sangue no lenço. Reparou em si, deu-lhe um beijo, e murmurou: "estou melhor. Viu-me lágrimas, beijou-me também, o disse-me: "Jorge, serás sempre o irmão das minhas

filhas” Quinze dias depois fui orar sobre a sepultura desta santa, e balucei: “Serei sempre o irmão das suas filhas”. Venho cumprir a promessa, senhor Eduardo.

EDUARDO

Está cumprida, logo que entrares em casa do pai das tuas irmãs, e nos chamares a nós a tua família, e te sentares à nossa mesa, na cadeira... em que se sentava Ana.

JORGE

Pois sim, aceito por alguns dias o meu talher em casa do meu pai; sairei depois por alguns anos, e voltarei quando...

EDUARDO

Onde vais tu, Jorge?

JORGE

A Marselha embarcar com os missionários para a China.

EDUARDO

E um adeus para nunca mais, que vens dizer-me?

JORGE

O cristão nunca se despede para nunca mais, senhor Eduardo. O seio de Deus é um foco luminoso para onde convergem todos os raios deste ponto. Lá nos encontraremos. Cada exilado tem a sua hora de regresso à pátria. Aquele de nós, que primeiro for, chore o que ficar. Estou-o amargurando, bem sei, meu pai... O meu pai! (*Abraçando-o*) quantos filhos terão sentido esta comoção!

EDUARDO

E deixas-me?

JORGE

Amparado por Luísa... Queria vê-la.

EDUARDO

Eu chamo-a.

JORGE

Ainda não. Ouça primeiro o irmão das suas filhas. Eu era pobre há dois anos. Hoje sou rico...

EDUARDO

De virtudes, filho... Que tesouro encerras neste seio! (*Abraçando-o*)

JORGE

Rico de bens de fortuna, rico de ouro, herdeiro de uma casa cujos rendimentos excederiam a minha ambição há dois anos. Um irmão da minha mãe, estabelecido em Luanda, voltou a Bragança, há oito meses. Encontrou-me lá mendigando a parentes ricos um patrimônio para me ordenar. Tentou a minha vocação com os regalos da opulência. Já não era tempo. Eu tinha vestido esta mortalha, que seria preciso arrancar com pedaços do coração, como a túnica de Nesso. O meu tio morreu, dois meses depois, legando-me todos os seus haveres, que se contam por dezenas de contos. Quando me liam o testamento, vi a imagem da mãe de Luísa que me dizia: "tens uma irmã". Não pensei que o ouro podia dar ao espírito delírio de felicidade só comparável à dos anos! Fiz lavrar doação de todos os meus bens à minha irmã Luísa, e trago aqui a cópia da escritura. O que há de mais valor neste papel são as lágrimas de prazer que verti nele quando o lia.

(Eduardo toma nas mãos convulsas o papel que leva aos lábios; ajoelha; Jorge tira do seio da batina um crucifixo pendente do pescoço)

JORGE

Ao Cristo, sim! Ao Deus compensador de todas as angústias! Ao Deus que ouviu os rogos da santa que pediu pelo pai e pelo irmão das suas filhas.

(Ergue-o e senta-o quase desfalecido)

CENA XI

Os mesmos e Luísa.

LUÍSA

Meu pai, meu pai... (*Para, reparando em Jorge*) Jorge!... É o meu pai?!

JORGE (*risonho*)

É o padre Jorge. Disse-to o coração, minha irmã? Como me conheceste?

EDUARDO (*erguendo-se*)

Aos braços do mártir, filha.

LUÍSA (*abraçando-o*)

O Jorge!... Então minha irmã ouviu-o... Sabe que está aqui...

JORGE

A tua irmã! Ana está nesta casa!?

LUÍSA

Vá lá meu pai, vá lá que o mano Pinto não pode suste-la... Está lançando golfadas de sangue, e quer por força cá vir.

EDUARDO

E por que não lia de vir?

JORGE

Meu Deus, este cálix é impossível!

EDUARDO

Mostra-nos a majestade do teu sofrimento, Jorge. Consente que a minha filha veja o homem que fica pedindo por ela a Deus. Ensina-a a morrer com a santidade da predestinada.

JORGE

Ela aí está... Jesus!

CENA XII

Os mesmos, Ana e João Pinto.

ANA (*encostada ao alisar da porta, acena ao pai e irmã que a vão amparar*)
Sou cruel, meu amigo, podia poupá-lo a este espetáculo, e não quis. Sei que está aqui Jorge; mas apenas diviso o vulto. Se ele receia aproximar-se de mim, levem-me ao pé do meu irmão.

(Jorge adianta-se alguns passos para ela. Ana solta um grito, e desprende-se dos braços que a sustentam)

JORGE (*com violenta serenidade*)

Não fuja destes tristes hábitos, minha irmã. Verá que se afaz depressa ao religioso terror que lhe infunde a minha estranha presença.

ANA

Uma gota de água, Luísa... Ao meu pai, meu marido, meu irmão, peçam todos a Deus que me livre depressa destas agonias... Jorge, asna alma santificada pelo que sofreu e sofrerá, há de apiedar o Altíssimo. Rogue-lhe... E aqui... (*Pondo a mão sobre o lado esquerdo*)
Arrancam-me a pedaços o coração, Mãe Santíssima.

PINTO (*baixo a Eduardo*)

Vou chamar o médico.

ANA

Não se retire, senhor Pinto... Tenha paciência até ao fim. Todos os que tomarem sem quinhão deste transe ajudem-me a passá-lo.

LUÍSA

O médico vem já, Aninhas.

ANA

A quê?!... Jorge, veio à hora destinada pela Providência. Não respondi à sua carta. A minha alma viria responder-lhe, ou então a eternidade das almas, é uma visão de infelizes. Prometeu-me oferecer por mim os merecimentos das suas angústias. Ofereça: peça muito a Deus o descanso da sua amiga... Sentirá a minha alma como um bafejo do céu. Leve-me com as suas orações onde eu possa pedir por amigos e inimigos. Dê-me a sua mão. Esta mão há de ter enxugado muitas lágrimas, acalmado muitas dores, e há de ter recebido muitos ósculos do desvalimento remediado. A mais infeliz das criaturas também a beija agora... e logo, será abençoada por ela.

CENA XIII

Os mesmos e o médico.

MÉDICO (*tateando-lhe o pulso*)

Que progressão! Houve indispensavelmente uma causa extraordinária!

ANA

Isto está por instantes, senhor doutor?

MÉDICO

Não minha senhora. Vossa excelência afligiu-se e está extremamente agitada... Isto declina. (*À parte a Eduardo*) já os socorros espirituais, e os extremos. Eu dou a ordem ao criado, e volto logo. (*Salte*)

CENA XIV

Os mesmos, exceto o médico.

ANA

Isto passa já... Estou melhor. Para os socorros espirituais não é preciso fortalecer o corpo. A alma está cheia de vigor para a jornada; mas ainda atada a um fio que resisto aos golpes. A minha confissão pode ser pública. Todos sabem o que eu tenho sido. Os que me injuriarem, é melhor que o não saibam. Amei Deus com a fé ardente

de uma desgraçada que precisa crer e esperar um mundo melhor. Amei meu pai... como devia amá-lo. Não se pode ser filha de outro modo. Tenho sido amiga, e quase mãe da minha irmã. Fi-la confidente das minhas dores para a fortificar contra as suas, quando o anjo da amargura a visitar. Fui para o meu marido um encargo penoso... turvei-lhe durante dois anos a felicidade que a riqueza podia dar-lhe, e uma esposa mais favorecida da sorte compartilharia, aumentando-lhe a do coração. Nunca odiei alguém, nunca julguei as ações alheias, nunca dei ocasião voluntaria a que as minhas escandalizassem a virtude. *(Ao marido)* E isto verdade, meu amigo?

PINTO

Duvidei eu da tua nobre alma, alguma vez, Ana?

ANA

Perdoai-nos, Senhor as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores... Perdoados, meu amigo. Nunca o remorso lhe punja na consciência. Senhor padre Jorge, poderá ser absolvida esta penitente?

JORGE

Para entrar no seio de Deus.

ANA

Ainda não. Resta suplicar um perdão, e de joelhos, se me ajudarem.

JORGE *(sustendo-a nos braços quando se lho ajoelha)*

A mim, minha irmã?

ANA

A ti, Jorge, que tinhas uma mocidade que eu destruí... Cerquei a tua alma de trevas. Fiz que tomasses a maior parte, a mais dolorosa do meu sacrifício. Condenei-te a tormentos maiores que os meus. Mereci à piedade divina este rápido fim, o não lhe roguei que te resgatasse a ti primeiro. Perdoa-me Jorge!

(Ouve-se o toque da campainha do Viático que se aproxima)

JORGE (*pondo-lhe a mão na cara*)

Pois vai, irmã, e seja o prêmio do teu martírio ouvir-te Deus as súplicas que vais fazer-lhe. Lembra-te dos que deixas excruciados no teu Gólgota. Manda ao espírito do teu consternado pai as alegrias da velhice e a esperança de unir-se a ti na eterna juventude das almas. Envia o teu bom anjo com a lâmpada da luz celestial ao lado da tua irmã, para guiai-a por entre os precipícios do coração. Responde à oração saudosa do teu marido com a visão beatífica da tua glória. Alcança o meu resgate, alma redimida pelos transe de Jesus Cristo e pelos teus, cujo merecimento será redenção para todos nós.

(*Ana faz um gesto afirmativo, e contorce-se nas vascas da morte*)

LUÍSA

Ana! Ana! Ela morre, meu pai!

JORGE

Vive. Nasce para a eternidade. (*Transportam-na expirante para uma cadeira*) Graças meu Deus! (*Ajoelha e seguem-no todos*) A mártir está convosco. (*Apertando a mão do cadáver*) Até logo.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com